

Menina Mulher Negra: Construção de identidade e o conflito diante de uma sociedade que não a representa

Black Young Woman: Construction of identity and conflict before a society that does not represent her

Niña Mujer Negra: Construcción de identidad y el conflicto ante una sociedad que no la representa

Roselita Gesser

Sociedade de Psicodrama Attuare

e-mail: roseg.psicologia@gmail.com

Cleber Lázaro Julião Costa

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

e-mail: cleber.juliao@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como propósito fazer a leitura e a reflexão acerca da construção de identidade étnico-racial da menina mulher negra no contexto escolar, marcado pelo período da adolescência. Para alcançar esse objetivo, foi realizado o estudo da narrativa do filme intitulado “Jennifer”, problematizando as questões raciais e os desdobramentos vividos pela protagonista, com abordagem psicodramática e estudos voltados para a construção de identidade afrocentrada. O objetivo é trazer à superfície os papéis sociais, cristalizados aos quais estão submetidas as meninas mulheres negras em uma sociedade não representativa e que não valoriza positivamente a expressão de sua ancestralidade.

Palavras-chave: menina, adolescência, racismo, identidade étnico-racial, psicodrama

Abstract

This article aims to read and reflect on the construction of ethnic-racial identity of the black woman girl in the school context, characterized by the adolescence. In order to reach this objective, the study of the narrative of the film entitled “Jennifer” was made, problematizing the racial issues and the unfolding lived by the protagonist, with psychodramatic approach and

Revista Brasileira de Psicodrama, v. 26, n. 1, 18-30, 2018

DOI: 10.15329/2318-0498.20180010

studies focused on the construction of afro-centered identity. The goal is to bring to the surface the crystallized social roles to which black women girls are subjected in a non-representative society that does not support the free expression of their ancestry.

Keywords: young girl, adolescence, racism, ethnic-racial identity, psychodrama

Resumen

El presente artículo tiene como propósito hacer la lectura y la reflexión acerca de la construcción de identidad étnico-racial de la niña mujer negra en el contexto de la escuela, donde hay una marca por el periodo de la adolescencia. Para el logro de esta meta, se realizó el estudio de la narrativa de la película titulada “Jennifer”, donde hay la problematización de las cuestiones raciales y de la secuencia vivida por la protagonista, con enfoque psicodramático y estudios dirigidos a la construcción de la identidad afrocentrada. El objetivo es traer a la superficie los papeles sociales cristalizados a los que están sometidas niñas mujeres negras en una sociedad no representativa y que no valoriza positivamente la expresión de su ancestralidad.

Palabras clave: niña, adolescencia, racismo, identidad étnico-racial, psicodrama

INTRODUÇÃO

A escolha pela abordagem Psicodramática, criada por Jacob Levy Moreno, tem por finalidade empregar sua teoria na leitura de comportamentos socioculturais a que estão submetidas as meninas mulheres negras, bem como em relação à construção de sua identidade étnico-racial. Neste texto, decidiu-se nomear “menina mulher negra” justamente por se tratar de uma construção que não se finda, que se segue ao longo da existência dessa mulher, fazendo uma relação com o objeto de estudo, que é o momento de transição de novos papéis sociais vividos pelas mulheres negras.

Moreno (2014) parte da ideia de que o sujeito vive em relação ao seu meio social e em constante inter-relação com as demais pessoas, ou seja, para existir o *eu*, é preciso que se reconheça o *tu*. O *encontro* para Moreno significa a livre disposição para a compreensão mútua e a ausência dos ruídos e das interferências de experiências anteriores que acabam por gerar respostas não espontâneas. Estas, por sua vez, são assimiladas com base no contexto social, no qual o sujeito está inserido, e acabam por provocar a reprodução e os comportamentos baseados em conservas culturais.

Para o desenvolvimento deste trabalho, será realizada a análise e posterior discussão do filme “Jennifer”,¹ um curta-metragem de 28 minutos, disponível no *YouTube*, produzido e dirigido pelo cineasta Renato Candido de Lima.² No filme, a protagonista Jennifer é uma *menina mulher negra* linda, doce e cheia de sonhos. Seus cabelos negros e crespos exibem toda a exuberância de seus 17 anos. Seu sorriso franco e inocente demonstra que a vida ainda não causou marcas irremediavelmente profundas. O sonho de Jennifer é estudar *design* gráfico ou computação em uma universidade pública.

Jennifer vive os conflitos próprios de sua idade em busca de si mesma. Incorporada a esses conflitos ela vive a não representatividade social de sua negritude. Ela enfrenta a pressão social e sua inserção nos vários grupos sociais aos quais passa a transitar.

¹ <https://www.youtube.com/watch?v=eI8u4XUPzDs&t=2s>

² Renato Candido de Lima é professor Universitário, cineasta, bacharel em Audiovisual pela ECA/USP e mestre em Ciências da Comunicação. É um roteirista, artista negro de Vila Nova Cachoeirinha /SP. Renato tem discutido em suas produções a questão da representação negra no Brasil.

Em casa, ela tem como modelo de mulher sua mãe, Vera. Sua mãe não permite que desvalorize sua beleza, bem como a estimula o tempo todo a valorizar sua autoimagem e sua origem.

Os conflitos vividos por Jennifer demarcam a passagem da adolescência para a vida adulta, próprios da transição de uma fase da vida para a outra. As escolhas a serem feitas acerca da profissão, do trabalho e da capacidade de desenvolver-se por sua conta e risco passam a fazer parte de sua vida, refletindo na assunção de responsabilidades. As mudanças corporais significativas que ocorrem, o processo de apropriação desse novo corpo agora habitado, em substituição à criança que o antecedeu, as paixões que florescem e a desilusão que entristece, a incerteza de não ser atraente o bastante para seu escolhido. Situações novas da vida que Jennifer precisa lidar.

Vestir determinada roupa, ter determinado tipo de cabelo e falar sobre determinados assuntos se transformam em avaliações constantes que a submetem à pressão e aos questionamentos o tempo todo. Jennifer se esforça para ser aceita no grupo social, ambientado no espaço escolar – o primeiro a ter forte influência sobre a construção identitária das jovens – e, como tantos outros, impõe uma forma de comportamento aos jovens, que buscam atender às regras do jogo.

Somado aos questionamentos e às incertezas gerados pela adolescência, Jennifer ainda sofre preconceito. Chamam-na de “tranqueira, estranha, macumbeira e vassoura baiana” (Lima, 2012). Jennifer sente-se desvalorizada em relação à sua amiga Thamires, menina branca,³ admirada pelos meninos. Estes, por sua vez, a veem apenas como objeto descartável.

Os meninos a consideram feia em referência a seu rosto, em que estão estampadas pelo nariz, pela boca e pelos cabelos suas origens afrodescendentes. No entanto, são atraídos por seu corpo e a chamam de “raimunda”,⁴ uma expressão que, além de reificar a mulher ao reduzi-la à natureza de coisa, tem caráter machista, pois serve exclusivamente para atender à satisfação sexual do homem.

O encontro com “Jennifer”, por meio do filme produzido e dirigido por Renato Candido de Lima, possibilitou pensar na vida das diversas *Jennifers* e, a partir desse ponto, iniciar o desenvolvimento deste trabalho com foco em discutir a falta de representatividade positiva para as *meninas mulheres negras* durante o rito de passagem da adolescência para a idade adulta e a construção de sua identidade étnico-racial.

Por entender que para além dos conflitos e dos questionamentos internos gerados pela adolescência, nos quais se configuram pela busca de si mesma, da construção e do processo de autoimagem, de autoestima, de autodefinição corporal e psicológica, coexiste o conflito externo gerado pelas relações sociais e culturais nas quais as *meninas mulheres negras* passam a interagir e transitar. Logo, buscam-se respostas para: (1) quais as formas de enfrentamento para o conflito?; (2) como se realiza o processo de autoafirmação das meninas mulheres negras?; e (3) como elas buscam ocupar o espaço social para valorizar sua identidade étnico-racial?

Entende-se que o objeto a ser estudado é de extrema relevância social, se considerado que a sociedade brasileira, historicamente, buscou silenciar a população não branca, seja, por meio da não identificação e da valorização da população afro-brasileira, seja por tratamentos

³ A jovem Thamires é uma mestiça clara socialmente considerada branca. As discussões sobre raça e cor neste trabalho permeiam pelos critérios de preto, pardo e branco. Com efeito, as duas primeiras categorias compreendem a cor/raça negra. Em uma sociedade como a brasileira, a assunção da negritude para pessoas pardas claras é algo complexo. Um processo que muitas vezes não é escolhido como sugere a narrativa do filme de Lima no caso da personagem Thamires, ao contrário da personagem Jennifer.

⁴ A expressão “raimunda”, usada como adjetivo, e não como nome próprio, é uma forma vulgar que significa a mulher que é considerada feia de rosto, mas que possui nádegas grandes e bem delineadas.

desiguais voltados para manter a população no espaço marcado pelas impossibilidades.⁵ Quando se fala em identificação, objetiva-se tratar da não visibilidade desses sujeitos colocados em um espaço de aprisionamento social, os quais têm por objetivo, de maneira direta, inferiorizar, imobilizar e controlá-los, causando-lhes, assim, diversas distorções em sua autoimagem e autoestima, resultando, dessa forma, na despotencialização da liberdade de expressão do *eu* em suas origens.

O que move o interesse pela pesquisa vai para além da construção de identidade da *menina mulher negra*. Isso significa dizer que a construção distorcida da identidade dessa menina pode ser fator marcante de como ela adulta, no futuro, se organizará em um espaço intensamente ameaçador que não a acolhe como sujeito e não oferece igualdade de oportunidades, impedindo, assim, a plenitude de suas potencialidades.

Ainda é relevante clamar pelo *status* que rege a *menina mulher negra*. Não basta verter o olhar apenas na questão étnico-racial sem ao menos entender que sob esse *status* coexiste a relação de gênero implicada no contexto que se busca elucidar. Esta pesquisa, porém, se manterá com foco na temática da identidade étnico-racial. Com isso, pretende-se refletir como essa *menina mulher negra* edifica sua identidade em um espaço sociocultural não representativo.

Este artigo pretende buscar respostas e lançar questões para reflexões futuras no que se refere a identificar os conflitos gerados a partir da adolescência na *menina mulher negra* em contexto sociocultural não representativo. Verificar quais formas de enfrentamento e manejo são usados para os conflitos gerados a partir da díade dos marcadores da adolescência e da identidade étnico-racial. Analisar como a influência do contexto familiar contribui para que as meninas mulheres negras adquiram autoestima e autoimagem positiva e, ainda, de que maneira essa influência pode ser determinante para que ela ocupe seu lugar no mundo.

Assim, o trabalho está dividido em duas partes. Na primeira, o foco será a análise do papel social⁶ vivido pela protagonista durante o filme, especificamente, no que se refere aos comportamentos socioculturais apreendidos e reproduzidos pela personagem. Essa análise será conduzida sob o olhar da abordagem psicodramática com base nos conceitos criados por Jacob Levy Moreno, denominados de matriz de identidade, teoria dos papéis e átomo social.

Já na segunda parte, o eixo de trabalho será desenvolvido na construção da identidade étnico-racial. O percurso será iniciado pela introjeção de valores sociais negativos estruturados e reproduzidos no espaço social, no qual se desenrola a história de Jennifer. Dessa forma, os questionamentos e as situações geradoras de ansiedade e frustrações para uma jovem negra na sociedade brasileira serão ilustrados, tal como discutidos pela ótica de Ricardo Franklin Ferreira

⁵ Os estudos sobre desigualdades sociais no Brasil, com base na análise da variável censitária raça/cor, ilustram um abismo entre a população negra (preta e parda) em relação à população branca. As taxas sobre o acesso à educação básica, a conclusão do ensino médio, a ocupação e a seguridade social indicam que a população negra está sempre em condição pior que a branca. Outrossim, índices de morte violenta mostram que são os negros, sobretudo os jovens, que mais morrem, ou por acidentes, ou por homicídios (Paixão et al, 2011). A justificativa para essa situação desfavorável reside na ausência de políticas públicas focadas em atender uma população escrava, relegada a própria sorte, no combate a práticas discriminatórias que, ao longo da história republicana brasileira, demonstrou uma opção pela pessoa branca ou que carregasse em sua aparência física características brancas. Finalmente, o projeto de uma sociedade que alcançou uma harmonia entre os grupos raciais prevaleceu ocultando a realidade vivida pela população negra e dificultou o debate quanto à importância da diversidade cultural e racial no Brasil. Como resultado, vive-se uma dinâmica marcada pela ubiquidade da imagem branca nos espaços de maior prestígio e de valor, enquanto aos não brancos é dado espaços pontuais, com destaque para o carnaval, e periféricos (Ramos, 1995; Telles, 2012).

⁶ Papel social – “As teorias psicodramáticas levam o conceito de papel a todas as dimensões da vida. Com efeito, elas o utilizam para abordar a situação do nascimento e a existência, enquanto experiência individual e enquanto modo de participação na sociedade” (Gonçalves, Wolf & Almeida, 1988, p. 66).

(2009). Ele descreve quatro estágios denominados⁷ como: (1) estágio de submissão; (2) estágio de impacto; (3) estágio de militância e (4) estágio de articulação. Esses estágios são compreendidos pelo autor como fundamentais para o processo de construção de identidade dos afrodescendentes. Contudo, é importante mencionar que Ferreira não pretende com a descrição dos estágios padronizar um método linear e sequencial de estágios que venham a edificar a construção da identidade afrodescendente, mas sim indicar momentos, quando o sujeito no percurso de construção da identidade étnico-racial poderá encontrar-se em comportamentos e atitudes. “Não se trata de uma ‘camisa de força’ conceitual, mas de um delineamento teórico que sugere a ocorrência de processos transitórios na construção da subjetividade” (Ferreira, 2009, p. 69).

IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL EM CONSTRUÇÃO

Com esse pensamento que causa uma inquietação crônica, buscou-se trabalhar com um marcador etário fundamental para a construção de identidade do sujeito: a adolescência, e o entrelaçamento com as questões étnico-raciais que envolvem a protagonista do filme. É nesse momento que se dá a transição da infância para a vida adulta, que surgem diversos conflitos, nos quais as meninas mulheres buscam seu lugar e sua aceitação nos mundos que passam a transitar. Em se tratando de *meninas mulheres negras*, o conflito avança para a não representatividade social positiva de suas origens e seu fenótipo.

O propósito é desenvolver a leitura de algumas cenas do filme “Jennifer” para correlacionar e dialogar com as teorias e os estudos realizados por Moreno e Ferreira. A intenção é encontrar respostas aos questionamentos levantados por este trabalho, bem como impelir novos estudos e novas discussões para aprofundar os conhecimentos sobre o tema provocado.

A matriz de identidade é um dos conceitos mais relevantes na abordagem Psicodramática, pois, ao nascer, o bebê é lançado em um espaço que lhe é desconhecido. Mas esse lugar, onde se encontra seus cuidadores e todo o meio que o cerca, recebe-o e o projeta em um oceano de expectativas acerca dos papéis que o recém-nascido exercerá. Assim, segundo Gonçalves, Wolf e Almeida (1988, p. 59):

O lugar preexistente, modificado pelo nascimento do sujeito, é o ponto de partida para o seu processo de definição; é a Matriz de Identidade. A matriz de identidade, no seu sentido mais amplo, é o lugar do nascimento (locus nascendi). Moreno a definiu também como placenta social, pois, à maneira da placenta, estabelece a comunicação entre o bebê e o sistema social da mãe, incluindo aos poucos os que dela são mais próximos.

Matriz de identidade é, portanto, o lugar (lócus) onde a criança se insere desde o nascimento, relacionando-se com objetos e pessoas em determinado clima. Assim, o desenvolvimento do recém-nascido dar-se-á nesse ambiente social.

Dessa maneira, é a partir da matriz de identidade e do lugar de nascimento que a criança constrói suas relações com o mundo. Em um primeiro momento, mediado pela família ou por seus cuidadores. Já em um segundo momento, a relação não será mediada, mas sim organizada pelo próprio sujeito com base nas estruturas apreendidas em sua matriz de identidade, ou seja, o lugar preexistente vivido, assimilado, bem como todas as relações socioculturais inscritas no

⁷ Ferreira parte dos quatro estágios da psicóloga afro estadunidense Janet E. Helms que estuda questões relacionadas a minorias (Cf. Helms, 1993).

contexto do núcleo da matriz de identidade. Assim, pode-se dizer que a criança no processo de desenvolvimento e estruturação de seu corpo psicológico poderá se colocar, positivamente ou não, diante dos papéis desempenhados nos mais variados contextos sociais.

O contexto que será analisado na cena a seguir compreende a relação familiar e seus desdobramentos sociais, considerando a teoria psicodramática como eixo norteador, com a intenção de formular a discussão entre a teoria e a cena.

CENA 1: DO SALÃO DE BELEZA

Nessa cena, Jeniffer está no salão de beleza, onde sua mãe trabalha como cabeleireira, fazendo um bico como manicure. Ela fala para a mãe que no dia seguinte irá até o supermercado levar seu currículo para uma vaga de caixa e diz que quer ir mais arrumada. A mãe fala que acha sua iniciativa interessante, mas que não é uma profissão para a vida toda. Jennifer expressa sua vontade de alisar o cabelo novamente, ao que as clientes do salão, também jovens, com idade aproximada a de Jeniffer, opinam sobre o cabelo dela. Enquanto uma diz que ela não devia alisar porque ela é muito bonita assim, a outra fala que antes de fazer alisamento o cabelo de Jeniffer era um “voasão, cabelo de preto e que agora está muito melhor”. A mãe, por sua vez, não concorda e diz que o cabelo dela não é uma coisa nem outra, ou seja, nem liso nem crespo. A mãe demonstra ter autoconfiança e autoestima elevadas representada por seu *black*, em que a identidade étnica racial se inscreve.

No desenrolar da cena no salão de beleza, o que se destaca é a dificuldade da protagonista em ter sua origem afrodescendente representada por seu cabelo. As relações sociais baseadas em estruturas de acordo com uma concepção de beleza derivadas da perspectiva estética eurocêntrica posicionam a protagonista a ter uma autoimagem distorcida e negativa. Equivale dizer que o papel social que precede a *menina mulher negra*, além de não a representar, coloca-a em um lugar marcado por valores negativos em relação à sua estética. No sentido oposto, a mãe de Jennifer se posiciona em uma estrutura de identidade auto afirmada positivamente. Assim, pode-se pensar que o conflito identitário gerado na protagonista procede e se entrecruza nos questionamentos internos e nas experiências vividas por ela no átomo social.⁸

Ainda é relevante comentar acerca da teoria de papéis teorizada por Moreno. Para ele, os papéis começam a surgir no interior da Matriz de Identidade que constitui “a base psicológica para todos os desempenhos de papéis” (Gonçalves, Wolf & Almeida, 1988, p. 68). Os papéis são classificados por ele em Papéis Psicossomáticos, Sociais e Psicodramáticos.

Para a análise deste trabalho, optou-se em concentrar atenção apenas no papel social desempenhado pelos sujeitos pela relevância e pelo destaque com que aparece durante as cenas do filme estudado. Assim sendo, pode-se dizer que o papel social se integra ao sujeito e o faz multifacetado. O papel exercido é determinado pelo lugar e varia de intensidade dependendo da relação de afetividade do sujeito, a exemplo dos papéis desempenhados no lugar de mãe, de mulher, de filha, de estudante, de adolescente, de profissional e por aí se vão as mais variadas possibilidades. Segundo Martin (1996, p. 165), o “papel” é por definição social; o *eu* precede ou se identifica com o papel, donde é lógico concluir que a dimensão social do indivíduo se confunde com o próprio *eu*.

Dessa forma, é relevante pensarmos qual é o papel da mulher afrodescendente no contexto sociocultural brasileiro, como a figura dela é projetada nos espaços ocupados por ela, de que maneira ela enfrenta e se posiciona no papel da mulher negra que a precede e a confronta socialmente em sua identidade.

⁸ Átomo social é a configuração social das relações interpessoais que se desenvolvem a partir do nascimento, ou seja, as relações afetivas. Em sua origem, o átomo social compreende a relação mãe e filha.

Já Ferreira (2009, p. 70), em seus estudos sobre o desenvolvimento da identidade afrodescendente, descreve que, no *estágio de submissão*, é comum o afrodescendente absorver e se submeter às crenças e aos valores da cultura branca dominante, até mesmo a noção sintetizada nas ideias do “branco ser certo” e o “negro ser errado”. Essa internalização de estereótipos negativos é feita de maneira inconsciente.

A escola é um dos lugares onde o processo de submissão acontece. Neste espaço, por intermédio das práticas e dos próprios livros, a criança afrodescendente é submetida à influência de figuras estranhas à sua identidade. São valores eurocêntricos que não a favorecem, pelo contrário, coloca-a em uma posição inferior (Ferreira, 2009).

Pode-se pensar que a falta de representatividade positiva da população afrodescendente no contexto escolar, espaço que deve ser entendido desde a pré-escola até a universidade, sustenta e retroalimenta as distorções a respeito da identidade étnico-racial. A cena do salão de beleza mostra exatamente isso! A protagonista é levada pelo contexto sociocultural, reproduzido também em seu espaço escolar, a assimilar e internalizar valores da cultura branca, ou seja, de maneira antropofágica, o sujeito afrodescendente vai sendo destituído de sua singularidade, suas expressões e sua ancestralidade.

Ferreira e Camargo (2011, p. 384) elaboram que “na experiência coletiva, em sociedade, as identidades são construídas através de intercâmbio entre o individual e o coletivo, desde sempre mediado por um conjunto de crenças, códigos e valores instaurados historicamente”. Em outro texto, Ferreira (2009, p. 68) fala que “é condição importante para a saúde psicológica ter um senso positivo de si mesmo como membro de um grupo do qual se é participante, sem nenhuma ideia de superioridade ou inferioridade”.

Isso significa que a interiorização do que é atribuído socialmente ao sujeito, como verdadeiramente algo próprio, implica um processo de assimilação. Jennifer demonstra essa internalização por meio da desvalorização da estética afro. Alisar o cabelo compreende, simbolicamente, a assimilação da estética branca, mitigando suas origens africanas. “Isto se dá, em princípio, de forma clara e objetiva, porém, com o passar do tempo, vai se tornando um ato implícito, sem tanta visibilidade” (Ferreira e Camargo, 2011, p. 384).

A discussão que se segue na próxima cena será acerca da teoria de papéis sociais. O papel social, como forma de preexistir ao sujeito, está bem representado por Jennifer. Ela vive a delimitação de um espaço social no qual cerceia sua liberdade e sua potencialidade no processo de construção de sua identidade étnico-racial. Ademais, esse fato associado ao fato de não se ver representada em espaços socialmente disponíveis para as outras mulheres causa-lhe distorções acerca de sua autoimagem, sua autoestima e suas origens.

No estágio descrito por Ferreira, como o *estágio do impacto*, surge para o sujeito a tomada de consciência das microagressões e discriminações sofridas ao longo da vida. Esse momento pode ser desencadeado por uma situação específica vivida e concretizada pelo sujeito, ou ainda, vivido por alguém próximo. O estágio do impacto é onde começa a emergir, segundo Ferreira (2009, p. 79): “o reconhecimento de uma identidade referenciada em valores africanos a ser desenvolvida sinaliza a entrada da pessoa no estágio seguinte de militância”.

CENA 2: NO SUPERMERCADO

Em uma cena marcante, Jennifer vai levar seu currículo em um supermercado para concorrer a uma vaga de caixa. Na saída, ao passar pela fileira de caixas, percebe que todas as trabalhadoras dessa função são negras. Elas estão de cabelo preso para descaracterizar a origem afrodescendente e no papel social compelido a elas, o lugar de servir. Na sequência dessa cena, ela vai encontrar sua amiga Thamires no shopping center. Ao passar em frente às vitrines das lojas, seu olhar se volta reflexivo para todas as manequins que são brancas de olhos azuis. Estas,

por sua vez, de cabelos soltos e em uma postura que demonstra liberdade, autoconfiança e autoestima positiva.

Dessa maneira, compreende-se o funcionamento do papel contextualizado de acordo com a atuação social como nos fala Martin (1996, p. 214): “Os papéis e as relações entre os diversos papéis constituem a melhor revelação de uma determinada cultura”.

No olhar reflexivo da protagonista está estampado o momento da tomada de consciência, da verdade que não é mais possível evitar, da discriminação difusa sofrida ao longo da vida, do lugar segregado e do silêncio. O silenciamento provoca uma realidade falseada vivida como um conto. Uma ilusão de que não existe desigualdade induz a um pensamento distorcido no qual a população negra é vista e se vê em um espaço socialmente inferiorizado, creditando-lhe a exclusiva responsabilidade e incapacidade de reverter tal situação. O silenciamento diante do racismo é de fato causador de distorções negativas acerca da autoimagem e da autoestima das *meninas mulheres negras*. Segundo Nascimento:

Na acepção popular, racista é quem fala de racismo ou enuncia a identidade do discriminado; a atitude não racista é o silêncio. Contudo, verifica-se que tal noção representa não apenas um equívoco como um dos pilares que sustentam a dominação, pois o silêncio configura uma das formas mais eficazes de operação do próprio racismo no Brasil. Complemento do silêncio, outra forma e sintoma do racismo estão no processo de tornar invisível a presença do afrodescendente na qualidade de ator, criador e transformador da história e da cultura nacionais. (2003, p. 23)

A crença que existe igualdade racial na cultura brasileira encobre o preconceito vivido pela população afrodescendente e se inscreve na subjetividade como algo real. “Uma estratificação racial bem delimitada e extremamente rígida tende a excluir os afrodescendentes dos espaços de prestígio e poder, mantendo os brancos no topo da hierarquia” (Nascimento, 2003, p. 121).

É importante enunciar que os mecanismos de enfrentamento são lançados contra o constante açoitamento emocional sob o qual vive a população afrodescendente. Manter a sanidade mental e a integridade física é uma prática diária que expõe o organismo à situação de um perigo constante, porém, com a dificuldade de identificá-lo concretamente. O estado de alerta biopsicológico se mantém para o inatingível e o inesperado. Fazendo uma analogia, seria o mesmo que enviar um soldado enfraquecido para o campo de batalha, sem ao menos saber quem é seu inimigo, quais armas terá disponível para luta, ou ainda se terá alguma.

Para Ferreira e Pinto (2014, p. 264), “a psicologia pode contribuir, em suas diferentes abordagens, para analisar os fenômenos subjetivos ligados aos processos de construção da identidade da pessoa negra e nos processos de desenvolvimento da autoestima”.

À medida que se tem consciência da negritude, seja pela cultura, pelas características físicas, pelo conhecimento e pela história da África e do povo afro-brasileiro, mais é possível construir mecanismos de ação que permitam o embate a uma situação presente na sociedade brasileira, apesar de ser negada.

No que tange aos papéis construídos socialmente para a mulher negra, entende-se que, para além da problemática que envolve o gênero, essa mulher precisa desenvolver identificação com as questões étnico-raciais. Se a sociedade lhe impõe desde a tenra idade condições não valorizadas que se traduzem em assimilação de sua não representatividade social, ou, ainda pior, sua representatividade negativa, o processo de autoafirmação étnico-racial torna-se imperioso para que possa encarar a vida com condições de dialogar com essa realidade desfavorável com êxito ou, pelo menos, diminuir o impacto e os prejuízos ao seu universo biopsicossocial.

A discussão acerca da cena que será analisada na sequência delimita um marco significativo no desenvolvimento da construção da identidade étnico-racial da *menina mulher negra*, pois se caracteriza pela identificação positivamente autoafirmada na matriz de identidade da protagonista.

CENA 3: CONTANDO UMA HISTÓRIA

Vera, a mãe de Jennifer, chega em casa e encontra a filha no quarto triste, pensativa, ainda a respeito da conversa que tiveram no salão sobre o alisamento do cabelo. Ao se aproximar do computador da filha, Vera vê que Jennifer havia tirado uma foto dela e feito uma montagem no *Photoshop*. Ela havia mudado o cabelo para um tipo chanel, louro e liso. A mãe, então, chama a filha para perto de si, a abraça e diz que vai contar uma história – minha avó, sua bisavó, um dia me ensinou a ser bonita...

A estrutura familiar de Jennifer, por meio da matriz de identidade, vai apoiar e acolher a protagonista a superar seus conflitos em relação à sua identidade étnico-racial quando sua mãe começa a contar a história de como ela aprendeu a ser bonita. Igualmente, fala para Jennifer que ela não é a primeira da família a se sentir assim. A história se repete, mas há formas possíveis de enfrentar tais conflitos.

Vê-se, portanto, a importância de que a *menina mulher negra* encontre em sua matriz de identidade sua identificação subjetiva positiva para a construção de autoafirmação e autoestima como uma forma de fortalecimento e preparação para o enfrentamento do preconceito e da discriminação racial. Dessa forma, foi possível avaliar que o mecanismo de enfrentamento utilizado pela mãe e pela filha consegue atingir seu objetivo. Para Ferreira (2009, p. 80), equivale dizer que a protagonista estaria no que ele descreve como o *estágio de militância* e de como ele contribui para a construção de uma identidade afrocentrada.

Após o período do conflito, no qual o afrodescendente vê desarticular-se a estrutura de subjetividade provedora de sustentação e segurança, inicia-se um processo de intensa metamorfose pessoal, em que ele vai, gradualmente, demolindo velhas perspectivas e, ao mesmo tempo, passa a desenvolver uma nova estrutura pessoal referenciada em valores étnicos raciais de matrizes africanas.

É nesse percurso em que se inicia o desenvolvimento da construção de identidade étnico-racial, que, segundo Ferreira (2009), há uma busca das características básicas daquele que se quer tornar. Há certo desequilíbrio, se considerar que, nessa experiência, há um mergulho profundo no mundo da negritude. Busca-se por meio de grupos, festas, roupas, estilos e valores intensamente afirmados na cultura africana. Em contrapartida, há uma total rejeição dos valores brancos. O afrodescendente passa a experimentar a libertação de valores que, até então, o oprimiram. Em relação a esse momento, Ferreira (2009, p. 81) nos fala que pode emergir:

... um desenraizamento, acompanhado de sentimentos de *raiva* (contra a cultura e pessoas brancas, por seu papel na opressão sofrida; contra outras pessoas negras, por ainda não terem se dado conta de tal problemática), *culpa* (pelo tempo que esteve enganada acerca da cultura negra) e *orgulho* (através do contato com as matrizes africanas).

Na próxima cena comentada, é possível observar a mudança comportamental e de apresentação visual da protagonista, quando ela passa a incorporar valores e estilos característicos de sua origem afrodescendente. É possível verificar a mudança pelo cabelo, pela roupa, pela música, bem como em seu corpo psicológico, da autoestima elevada e da postura altiva. Com isso, começam a aparecer os reflexos da nova estrutura em formação, agora, edificando-se em valores étnico-raciais positivos.

CENA 4: BALADA DO CAUÃ

Jennifer, como os demais colegas de escola, foi convidada para a balada do Cauã. Aquelas festinhas de adolescentes que são na própria casa do anfitrião. Ela sabia que a intenção dos garotos e também das garotas era só “ficar na pegação”. Jennifer chega à festa com o cabelo de preto, altiva, fortalecida com a história que sua mãe contou. Na mão, traz um *pen drive*, que entrega ao DJ, e começa a tocar “Olhos coloridos”⁹, interpretada por Sandra de Sá. Jennifer dança, se solta, e por meio da música se auto afirma como menina mulher negra. Nesse momento, chega junto dela Cauã, por quem ela estava atraída. Ele é um garoto branco, o tipo que atrai todas as meninas. Mas Jennifer sente que não tem mais sentido a atração que sentia por Cauã, ela já não precisa mais fazer parte do mundo que não a quer por completo.

A mudança que ocorre a partir do momento de tomada de consciência da negritude, do papel social preexistente, do estágio de impacto – a passagem para o estágio de militância e seus desdobramentos em uma sociedade racista – permite que Jennifer vá abandonando a estrutura construída e assimilada anteriormente de maneira negativa, passando a construir uma nova, baseada em valores e significados positivos com base em sua cultura e sua origem.

Sua matriz de identidade e seu átomo social contribuem para que esse processo ocorra, especialmente, quando a protagonista vê em seu núcleo familiar um posicionamento autoafirmado em relação à identidade étnico-racial. O papel social da protagonista passa a ser outro a partir de seu reposicionamento no mundo. A tomada de consciência promove em Jennifer a reestruturação interna do papel social preexistente dirigido à *menina mulher negra*.

O afrodescendente, depois de enfrentar tais experiências, desenvolve o que Ferreira (2009, p. 83) chama de controle sobre sua emocionalidade. Isso acontece com a internalização de valores de matrizes africanas e a edificação de uma identidade positivamente afirmada, ou seja, é o momento denominado como *estágio de articulação*:

Aos poucos, a pessoa desenvolve uma perspectiva afrocentrada não estereotipada, com atitudes voltadas para a valorização das qualidades referente à negritude mais expansivas, mais abertas e menos defensivas. Há o desenvolvimento de um novo processo de identificação, em que as matrizes africanas são salientadas. O grupo negro torna-se o principal grupo de referência ao qual o indivíduo pertence, sendo seu vínculo com esse grupo determinado por qualidades do próprio grupo e não mais, exclusivamente, por fatores externos a ele (Ferreira, p. 83).

Nesse estágio, o afrodescendente procura estabelecer relações sociais com negros e não negros para transitar entre as diferenças e os diferentes, respeitando-os e compreendendo a visão de mundo que cada um se encontra. Isso significa dizer que, ultrapassado o estágio da militância, o sujeito está em condições de articular-se com grupos, projetos e desenvolvimentos nas mais diversas temáticas, que não se apliquem com foco exclusivo nas questões étnico-raciais. Passa a ser um sujeito tecido no meio social com grupo dominante branco, porém ressignificado em valores positivos e autoafirmados na identidade étnico-racial.

Seu papel social é reconduzido ao espaço que o próprio sujeito se determina ocupar, não mais aceitando o que culturalmente lhe é imposto, ou seja, uma resposta nova, espontânea e

⁹ A composição é de Macau, artista que afirma ter se inspirado em uma situação de racismo vivida para compor a música (Ver <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/11/autor-de-olhos-coloridos-conta-que-musica-surgiu-de-caso-de-racismo.html>).

criativa diante de uma situação cristalizada socialmente. Moreno, em sua obra, chama atenção ao fator, espontaneidade e criatividade, afirmando que um não existe sem o outro e que:

A espontaneidade tem a tendência inerente para ser experimentada por um indivíduo como seu próprio estado, autônomo e livre – isto é, livre de influências exteriores e de qualquer influência interna que ele não possa controlar. Para o indivíduo, pelo menos, tem todas as características de uma experiência livremente produzida (Moreno, 2014, p. 132).

A posição de Moreno é comungada por Gonçalves, Wolf e Almeida (1988, p. 47) para os quais a criatividade é indissociável da espontaneidade. Sua reconstituição como sujeito social vai implicar sua rede sociométrica para reverberar positivamente em outros sujeitos que poderão tomá-lo como exemplo.

O conflito vivido por Jennifer no filme e analisado neste trabalho tem origem e desdobramentos a partir do espaço escolar no qual ela está inserida. A escola, como lugar, no qual se espera desenvolver a autoestima e a autoafirmação de todas as crianças indistintamente, respeitando-as e contribuindo para uma construção de identidades e valores positivos, que deveriam acolher a pluralidade de um povo que se constituiu de diversas origens, infelizmente não cumpre seu papel. Ao contrário, é nesse espaço que ocorre a reprodução e a retroalimentação de preconceitos e discriminações, onde o silêncio habita a boca daquele que deveria ser o mestre da transformação, o(a) professor(a). Este, por sua vez, também não é preparado para a prática da transformação durante sua formação acadêmica, bem como traz consigo valores e preconceitos assimilados do contexto social a que está submetido, a fim de reproduzir tais comportamentos automaticamente.

A reflexão da protagonista na parte final do filme revela o que se buscou elaborar na problemática deste trabalho. Jennifer fala assim:

— Minha mãe dizia que a nossa história é repleta de muitos *nãos*. . . Eu acho que na vida a gente tem esse desafio, essa coragem para transformar muitos *nãos* em um *sim* e valorizar quando um *sim* acontece com a gente. Só hoje, isso faz sentido para mim. De negação em negação, avós e bisavós fizeram chão nessa terra e me possibilitaram a vida, e hoje me dão a certeza para me sentir forte, sendo o que sou, existindo, lutando e me afirmando (Lima, 2012, 25', 38 "a 26', 11").

É possível verificar na fala de Jennifer que ela, diante de suas experiências e seus conhecimentos transmitidos por sua ancestralidade, da realidade social difícil e cristalizada, do racismo e da não representatividade da *menina mulher negra* no contexto sociocultural, consegue de maneira simples e clara transmitir o que é ser menina, o que é ser mulher negra, em uma sociedade que lhe destina um papel social circunscrito no servir àqueles, cujo privilégio foi assegurado e afiançado pela branquitude desde o nascimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho não tem pretensão de indicar uma fórmula pura e simples para a construção da identidade étnico-racial, pois se entende que o tema é complexo e envolve aspectos multifatoriais, nos quais estão submetidas às *meninas mulheres negras*. Pode-se dizer que um desses aspectos é a matriz de identidade, no qual a jovem está inserida. Uma estrutura familiar equilibrada, no que se refere aos aspectos psicológico, afetivo, intelectual e econômico, além

da elaboração subjetiva experimentada por cada sujeito, vai resultar em uma identificação e uma construção positiva sobre si mesma e suas origens e uma identidade autoafirmada.

Por outro lado, entende-se que os estágios descritos por Ferreira são possíveis, mas não uma regra, ou uma “camisa de força” como o próprio Ferreira comenta. Na discussão que se seguiu a partir das cenas do curta metragem, os estágios foram identificados e relacionados para dar entendimento às ideias advindas da literatura escolhida para este estudo, mostrando como também, dessa maneira, se abrem possibilidades para o enfrentamento e a construção de identidade étnico-racial autoafirmada.

A identidade afrocentrada prepara para um posicionamento e uma busca de um espaço social positivo diante de uma sociedade não representativa para a *menina mulher negra*. Contudo, é importante comentar que independentemente da *menina mulher negra* se estruturar e construir sua forma de enfrentamento, que por certo a fortalecerá, não será possível a eliminação do sofrimento causado pelo preconceito e pelo racismo vivido ao longo de sua vida.

No que se refere ao contexto escolar no qual a protagonista está inserida, entende-se que é nesse espaço e tempo que Jennifer tem seus conflitos evidenciados, principalmente, por não se ver representada positivamente nesse contexto. Esse modelo construído no espaço escolar trará consequências e desdobramentos em outros contextos sociais. A escola, como uma instituição fundamental para transformação social, deve estar em condições de combater os mais diversos tipos de preconceitos e discriminações, mas, infelizmente e na maioria das vezes, não é assim que acontece.

Para cessar a retroalimentação de conservas culturais, é necessário que os estudos aprofundados já realizados sobre estereótipos, preconceitos e discriminação sejam aplicados nas redes de ensino de todos os seguimentos: privados e públicos, da educação infantil aos espaços acadêmicos. O ranço do preconceito e da discriminação racial, que permeia com intensidade todos os espaços de educação, deve ser combatido e não tolerado, não sendo mais possível que uma educação que se pretende ser transformadora alimente tais violências e desigualdades sociais.

Ainda é relevante comentar que no universo da problemática lançada neste trabalho existem inúmeras possibilidades para o desenvolvimento de grupos temáticos voltados para se trabalhar com os temas aqui elencados. Entende-se que a psicologia tem muito a contribuir para esse fim, porém, dentro dessa área, há de se realizar também discussões profundas acerca da temática racial, pouco discutida pelos espaços acadêmicos e profissionais.

REFERÊNCIAS

Ferreira, R. F. (2009). *Afro-descendente: identidade em construção*. Rio de Janeiro: Pallas.

Ferreira, R. F., & Camargo, A. C. (2011). As relações cotidianas e a construção da identidade negra. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(2), 374-389. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932011000200013>.

Ferreira, R. F., & Pinto, M. C. (2014). Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. *Pesquisa e Prática Psicossociais*, 9(2), 257-266. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082014000200011&lng=pt&tlng=pt.

Gonçalves, C. S., Wolf, J. R., & Almeida, W. C. (1988). *Lições de psicodrama: introdução ao pensamento de J. L. Moreno*. São Paulo: Ágora.

Helms, J. E. (1993). An overview of black racial identity theory. In Helms, J. E. (Ed.). *Black and white racial identity: theory, research, and practice*. New York, Greenwood Press.

Lima, R. C. (Diretor). (2012). *Jennifer* [vídeo]. Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=eI8u4XUPzDs&t=2s>

Martin, E. G. (1996). *Psicologia do encontro: J L Moreno / Eugino Martin Garrido*. (tradução M. J. A. Albuquerque, Trad.). São Paulo: Ágora.

Moreno, J. L. (2014). *Psicodrama*. (13. ed.). São Paulo: Cultrix.

Nascimento, E. L. (2003). *O sortilégio da cor: Identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Summus.

Paixão, M., et al. (2012). *Relatório anual das desigualdades raciais 2009-2010: Constituição cidadã, seguridade social e seus efeitos sobre a assimetrias de cor ou raça*. Rio de Janeiro: Garamond.

Ramos, A. G. (1995). *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.

Telles, E. (2012). *O significado da raça na sociedade brasileira*. Princeton e Oxford: Princeton University Press. Retirado de: <http://www.princeton.edu/sociology/faculty/telles/livro-O-Significado-da-Raca-na-Sociedade-Brasileira.pdf>

Recebido: 25/05/2018

Aceito: 17/08/2018

Roselita Gesser. Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Estácio de Sá de Santa Catarina. Psicodramatista em formação pela Sociedade de Psicodrama Attuare. Psigerontologista em formação pela WPós do Distrito Federal. Idealizadora do projeto Ativa Mente Oficinar.

Cleber Lázaro Julião Costa. Professor da Universidade do Estado da Bahia. Graduado em Direito pela Universidade Católica do Salvador. Mestre pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro da Universidade Cândido Mendes. Doutor em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.